



É IGUAL MAS É DIFERENTE: HESÍODO TRADUZIDO

IT'S THE SAME BUT IT'S DIFFERENT:
HESIOD IN TRANSLATION

Bruno Palavro*

* brunopalavro@gmail.com
Mestrando em Letras - Teoria, Crítica e Comparatismo pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre - RS).
Graduado em Letras - Português e Grego Antigo pela mesma
instituição.

RESUMO: Apresento e analiso duas traduções decassilábicas de trechos da obra de Hesíodo feitas no século XIX, a saber: trechos da *Theogonia*, por José Bonifácio (1825), e trechos de *As Obras e os Dias*, por João Félix Pereira (1876); faço apontamentos sobre as escolhas dos tradutores, tendo em vista suas próprias considerações, em seus prefácios, a respeito de Hesíodo e do estatuto dessa figura poética especialmente em relação a Homero; valho-me de algumas ideias de Berman (2013), Benjamin (2008), Borges (2012), Campos (2013) e Casanova (2002) para pensar questões de tradução que envolvem identidade, diferença, etnocentrismo e suplementação literária, inserir na discussão o caso Homero/Hesíodo e esboçar noções sobre a ética da tradução literária.

PALAVRAS-CHAVE: Hesíodo; Século XIX; Tradução.

ABSTRACT: I present and analyze two decasyllabic translations of excerpts from Hesiod's work made in the 19th century, namely: excerpts from *Theogonia*, by José Bonifácio (1825), and excerpts from *As Obras e Dias*, by João Félix Pereira (1876); I discuss the translators' choices, in view of their own considerations presented in their prefaces, regarding Hesiod and his status as a poet especially in relation to Homer; I consider some ideas from Berman (2013), Benjamin (2008), Borges (2012), Campos (2013) and Casanova (2002) to think about translation issues that involve identity, difference, ethnocentrism and literary supplementation, place the "Homer/Hesiod" affair in the discussion and outline notions about the ethics of literary translation.

KEYWORDS: Hesiod; 19th Century; Translation.

Uma das mais antigas traduções da *Iliada* de que temos notícia em português apresenta o proêmio da seguinte maneira:

1

A cólera de Aquiles, causa horrível
dos desastres da Grécia inumeráveis,
canta, musa divina! E quão temível
esta cólera foi: que lamentáveis
destroços fez naqueles que invencível
amor da glória tinham, que notáveis
chefes mandou, com fúria, ao reino escuro
de um golpe inopinado e prematuro.

2

Dize como insepultos sobre a areia
dos cães e dos abutres devorados
ficam, enquanto a raiva não refreia
Aquiles, nem Atrides, irritados.
Jove assim decretou na imensa ideia,
assim sem compaixão quiseram Fados.
Declara, ó, Musa! Em que hora tão tremenda
rompe esta luta, e qual numen ofenda.¹

1. Conforme a edição de Cerdas & Borges (2017, p. 365-366).

É a tradução da árcade Alcipe, pseudônimo de D. Leonor D'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa de Alorna (1750-1839), que verteu integralmente para o português o primeiro canto do poema; sua publicação, porém, foi póstuma, somente em 1844, num volume organizado pelas filhas. Mas antes de iniciar minhas considerações, e para fins de comparação, disponho o texto grego do referido trecho seguido de uma tradução mais ou menos metafrástica, separando com o símbolo \ os blocos semânticos delimitados pela cesura do metro grego segundo minha interpretação:

μῆνιν ἄειδε θεὰ \ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
οὐλομένην, \ ἣ μυρὶ Ἀχαιοῖς \ ἄλγε' ἔθηκε,
πολλὰς δ' ἰφθίμους \ ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν
ἡρώων, \ αὐτοὺς δὲ ἐλώρια \ τεῦχε κύνεσσιν
οἰωνοῖσι τε πᾶσι, \ Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή,⁵
ἔξ οὔ δὴ τὰ πρῶτα \ διαστήτην ἐρίσαντε
Ἀτρεΐδης τε \ ἀναξ ἀνδρῶν \ καὶ δῖος Ἀχιλλεύς.
τίς τ' ἄρ σφωε θεῶν \ ἔριδι ζυνέηκε μάχεσθαι;²

Raiva canta, deusa, \ do Pelida Aquiles,
arruinada, \ que milhares aos aqueus \ dores impôs,
e muitas veementes \ almas ao Hades lançou,
dos heróis, \ e deles despojos \ fez para os cães
e para as aves todas, \ e de Zeus cumpriu-se a vontade,⁵

2. *Iliada*, canto 1, v. 1-8. Todos os trechos da *Iliada* em grego são retirados de Monro & Allen (1920), no acervo digital *Perseus Digital Library*, que serve para os propósitos de comparação deste trabalho.

desde quando primeiro \ se separaram discordantes
tanto o Atrida \ senhor dos homens \ e o divino Aquiles.
Quem, a ambos, dos deuses \ em discórdia juntou a brigar?³

A Marquesa de Alorna decidiu traduzir os hexâmetros homéricos não só em decassílabos heroicos, metro consagrado na épica de língua portuguesa, mas especificamente em oitava rima, a forma do paradigmático épico de Camões (esta que, por sua vez, tem proveniência mais antiga, com o selo de autoridade dos poetas épicos do Renascimento italiano). Para isso, a tradutora precisou adequar o conteúdo informativo dos versos gregos ao molde já tradicional e prolífico da épica portuguesa, atenta sobretudo ao esquema de rimas ABABABCC; e a isso se deve muito provavelmente a abundância de adjetivos e a extensão de seu proêmio: 16 decassílabos para 8 hexâmetros. Inseridos nesse programa maior de aclimação do estrangeiro, chamam atenção também a clareza da dicção e o teor elucidativo dos versos, características apontadas por Cerdas & Borges (2017) como próprias de uma noção estética geral do arcadismo e específica de concepções tradutórias desse círculo; e ainda a utilização de deuses romanos no lugar dos gregos, o que, apesar de convencional para qualquer obra de pendor classicista desde o Renascimento, é também um fator importante de legibilidade para uma elite literariamente latinizada.

Costuma-se distinguir as práticas tradutórias do português do XIX em duas vertentes mais ou menos definidas: à que prezava pela clareza e naturalidade do vernáculo em tradução, cujo patrono era Bocage — também chamada “elmanista”, tendo em vista o pseudônimo arcade deste, Elmano Sadino (VIEIRA, 2008, p. 76) —, opunha-se a chamada vertente “filintista”, fundamentada na prática de Filinto Elísio (Francisco Manuel do Nascimento), afeita a construções sintéticas e a um estilo atravessado de viés arcaizante (VIEIRA, 2010, p. 150). Vejamos a tradução do maranhense Manuel Odorico Mendes (1799-1864) para o mesmo trecho:

Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles
A ira tenaz, que, lutuosa aos Gregos,
Verdes no Orco lançou mil fortes almas,
Corpos de heróis a cães e abutres pasto:
Lei foi de Jove, em rixa ao discordarem
O de homens chefe e o Mirmidon divino.
Nume há que os malquistasse? [...]

A tradução de Odorico foi publicada pela primeira vez postumamente, em 1874, célebre por ser a primeira tradução integral da *Iliada* em língua portuguesa (CHANOCA, 2017, p. 11)⁴. Logo notamos um forte contraste com as estratégias de tradução da Marquesa de Alorna:

3. Em prol da clareza: “Canta, deusa, a raiva arruinada de Aquiles, filho de Peleu, a que impôs aos aqueus milhares de dores e lançou muitas almas veementes de heróis ao Hades, e fez deles próprios despojos para os cães e para as aves todas, e cumpriu-se a vontade de Zeus, desde quando primeiro se separaram, discordantes, o filho de Atreu, senhor dos homens, e o divino Aquiles. Quem dos deuses, afinal, juntou-os ambos para brigar em discórdia?”

4. Vale ressaltar o papel vultoso de Odorico como tradutor das letras clássicas para o Brasil e para a cultura lusófona, não só por sua pioneira tradução integral dos dois épicos homéricos (apesar da atribulada dinâmica de publicação), mas também por sua tradução de Vergílio (*Eneida*, *Bucólicas* e *Geórgicas*, seu intitulado “Virgílio Brasileiro”), compondo-se assim em língua portuguesa, sob o nome do tradutor, um repertório completo das obras que estavam no horizonte da “excelência clássica” e nos fundamentos da épica moderna. Os trabalhos de Chanoca (2017) e Rocha (2013) são indispensáveis para entendermos a trajetória dessas obras em nossa literatura traduzida e sua situação à época de Odorico.

ausência de rima, dicção arcana — abundância de hipérbatos, concisão extremada de linguagem —, que resulta na diminuição do número de versos — para os oito versos gregos, que a Marquesa traduziu por 16, Odorico nos apresenta exatamente 6 versos e meio. Sobre essa última questão, é digno de nota que sua tradução da *Iliada* possui 2580 versos a menos que o texto de origem (ibid., p. 27), tendo-se em conta que, por sua extensão, um hexâmetro grego geralmente comporta mais informação semântica do que um decassílabo português; por outro lado, uma parte considerável dessa informação aparece como fórmulas épicas, epítetos tradicionais próprios de um modo de composição oral, cuja repetição (e há muita repetição) Odorico anunciadamente omite ou varia (ibid., p. 28), pautado em um critério de beleza específico de sua cultura da escrita. Assim, a concisão se torna um dos traços mais marcantes do tradutor; já o uso do decassílabo e das divindades romanas permanece como convenção para a épica vernácula e como traço comum das traduções⁵. Se é inevitável destacar Filinto Elísio, já evocado pelo próprio Odorico no preâmbulo de sua *Eneida brasileira*, como um predecessor para a prática odoricana (VIEIRA, 2010, p. 147), sendo evidente em Odorico uma língua em tensão, de pendor arcaico e latinizante sobretudo no plano vocabular (que pode ser chamado, em termos atuais, de “estrangeirizante” em seu modo de formar), também é

forçoso notar que estamos lidando com uma composição marcadamente aclimatadora em seu delineamento estético maior.

A partir do século XX, temos no Brasil um aumento significativo de traduções integrais dos épicos gregos, todas elas conscientemente se afastando do verniz latino que vigorou no XIX; mais do que isso, Homero surge como um verdadeiro laboratório de traduções muito distintas. Apenas sobre a *Iliada*, basta ter em mente a tradução hexamétrica e solene de Carlos Alberto Nunes (1943), a trans-helenização dodecassilábica de Haroldo de Campos (canto I em 1994, poema integral em 2001-2003)⁶, as traduções em versos livres dos acadêmicos Frederico Lourenço⁷ (2005 em Portugal, 2013 no Brasil) e Christian Werner (2018), esta última com um acabamento poético muito específico e rigoroso na recriação da sintaxe e das fórmulas épicas.

Falemos agora de Hesíodo, o outro poeta.

ESTE VELHO POETA GREGO

Os poemas homéricos e do Ciclo Épico, os hinos homéricos, os poemas hesiódicos e os demais atribuídos a Orfeu e a Museu, conforme já proposto por Gregory Nagy, podem ser relacionados num mesmo conjunto: o

5. Para expandir este preâmbulo e atestar as referidas convenções do século, recomendo a leitura cronológica dos vários proêmios da *Iliada* traduzidos, compilados por Mavericco (2020), e os da *Odisseia*, por Brunhara (2020).

6. Tendo como discípulo direto Trajano Vieira, que adensou as peculiaridades estéticas haroldianas em suas próprias traduções de Homero, verdadeiras transjânizações helenizantes.

7. Que é português, mas cuja tradução ocupou o meio brasileiro via Penguin/Companhia das Letras.

da “tradição poética hexamétrica arcaica [...], uma história do cosmo, dos deuses e da humanidade do início até o tempo presente que é implicado pela situação de recepção dos poemas” (WERNER, 2013, p. 22), sintetizada por um metro comum, um dialeto comum, um repositório de fórmulas comum — em suma, uma poética comum, cujo próprio metro que a constituía era sinônimo da noção de “palavra”, rotulado pelo grego ἔπος - *épos* (NAGY, 1990, p. 26-27). Sem perder de vista a definição gradual dessa tradição em “dois subconjuntos principais, a tradição homérica e a hesiódica”, podemos entender a tradição supérstite da épica arcaica como “performances poéticas e, sobretudo a partir do século V, certos poemas fixos ligados às figuras canônicas de Homero e Hesíodo” (WERNER, 2013, p. 22). Já o costume dos antigos de colocar Homero e Hesíodo lado a lado como representantes de uma poética comum pode ser atestado em muitos dos *testimonia* sobre o poeta (MOST, 2006, p. 154-281), nos escritos de Proclo, Suetônio, Quintiliano etc. (OLIVANETO, 2013), e inclusive apreciado na narrativa anônima *O certame Homero-Hesíodo* (séc. II ou III EC), na tradução de Torrano (2005).

Não diferem desse costume de equiparar os dois poetas os juízos presentes nos prefácios de José Bonifácio e João Félix Pereira, em suas respectivas traduções de excertos

da *Theogonia* e de *As Obras e os Dias*. Esses documentos são importantíssimos para nossa história de recepção da antiguidade greco-romana não somente como as traduções mais antigas de Hesíodo em língua portuguesa às quais temos acesso, mas também porque dizem algo sobre a apreciação geral do poeta no século XIX.

Bonifácio, sob pseudônimo de Américo Elysio, escreveu em determinado ponto de suas *Poesias Avulsas* (1825), na “advertência” sobre a tradução:

Ousei traduzir estes dous pedaços da Theogonia de Hesiodo, por sêr este velho Poeta grego pouco conhecido, e estimado entre nós. Hesiodo he pelo menos tão antigo como Homero; e se devemos julgar pela sua Mythologia mais physica que historica, parece-me, que, ou lhe he anterior, ou ignorava a sua existencia [...] (ELYSIO, 1825, p. 100).

Bonifácio explicita a condição de poeta de Hesíodo, mas não sem ressaltar o caráter específico de sua poesia “mais física que histórica”, diferente do paradigma homérico. Além disso, ao colocar lado a lado os dois aedos — aqui certamente desvinculados de tal função e encarados como “poetas” de carne e osso, como dá a entender a leitura biográfica, distanciada das teses oralistas que vigorariam posteriormente —, é especialmente curioso

o fato de Bonifácio supor que Hesíodo ou fosse anterior a Homero ou ignorasse a existência deste, dado o caráter não-homérico de sua poesia “física”: é como se dissesse que, se Hesíodo fosse posterior a Homero e conhecesse a obra dele, o teria imitado, abrindo mão da matéria que o distingue. O tradutor prossegue:

As obras certas, que delle nos restão, são a sua Georgica intitulada, *Obras e Dias*, que imitou e excedeo depois o culto e grandioso Virgilio, e a sua *Theogonia*, ou geração dos deoses, poema mytho-theologico, onde a pezar de secura enfadonha ha pedaços de grande valentia, e sublimidade. Nella reunio, e coordenou os mythos, e tradiçoens oraes dos diversos povos e regioens da Grecia, inserindo nelles os germens da philosophia physica e theologica dos sabedores d’então, para explicar as maravilhas do mundo, e firmar melhor a sociedade civil (ELYSIO, 1825, p. 101).

“A sua Geórgica”, i. e., o poema que serviu de base para sua posterior imitação aperfeiçoada pelo Vergílio das *Geórgicas*, também conhecido como *Obras e Dias*. Essa estratégia de apresentação certamente leva em conta o conhecimento do público geral, para quem os gregos eram entendidos sob as lentes da literatura latina; por outro lado, não há como negar o caráter teleológico da comparação, que parece definir Hesíodo em parte pelo que

lhe falta — nesse caso, o não-Vergílio, ou o pré-Vergílio. Quanto à *Theogonia*, Bonifácio busca positivá-la, mencionando que possui alguns pedaços “de grande valentia e sublimidade” (os que ele traduziu, infere-se) — apesar da secura enfadonha do poema, que, antes de ser positivado como tal, é destacado como germen da filosofia física e teológica, i. e., “pré-filosofia” (realização ainda imperfeita do pensamento racional imbuída de *mýthos*?).

Em seu opúsculo de 1876, João Félix Pereira inicia o prefácio da tradução de *As Obras e os Dias* da seguinte maneira:

É ainda hoje opinião d’alguns criticos e commentadores, que Virgilio, nas Georgicas, não fez mais do que imitar Hesiodo [...].

Esta opinião é de todo ponto inadmissivel. Para exprimir a grande differença entre as duas obras, primeiro citaremos a indisputavel auctoridade do commentador allemão, Heyne: *nihil exilius, jejunius er aridius Hesiodo, nihil copiosus et plenius Virgilio*⁸ (PEREIRA, 2014, p. 11).

Definido quem Hesíodo não foi, restava explicar *o que* ele não foi:

8. “Nada mais magro, escasso e árido que Hesíodo; nada mais copioso e pleno que Virgílio”.

Hesíodo não era um poeta de profissão, como foi Homero, talvez seu contemporâneo; era antes, como diz um escriptor alemão, Otfried Mueller, um bom pai de família [!!!], a quem o coração se confrangia tanto por certos factos, que suas emoções e pensamentos tomavam naturalmente a forma de poesia (PEREIRA, 2014, p. 12).

Aqui temos um exemplo claro de como a leitura teleológica dá margem inclusive para se questionar a própria figura de Hesíodo enquanto poeta: por não ser nem Vergílio (seu semelhante latino, mas superior) nem Homero (seu semelhante grego, mas superior), provavelmente nem era um poeta de verdade, pelo menos não um agente da poesia propriamente dita.

Enquanto Homero vicejou em traduções desde o XIX, todas elas muito distintas, Hesíodo, ao que tudo indica, ficou limitado à tradução dos breves excertos em questão (de um brasileiro e de um português, apresentados na seção seguinte) até a era dos acadêmicos, finalmente com a tradução integral em prosa da *Teogonia* por Ana Cerqueira e Maria Lyra, em 1979, pela editora da UFF, seguida pela de Jaa Torrano, em versos livres, para sua dissertação de mestrado, publicada originalmente pela editora Massao-Ohno em 1981 (SANTOS & BRANDÃO, 1985) e reeditada pela Iluminuras em 1991 com as devidas

alterações do tradutor (TORRANO, 2006, 8-9; 2015, p. 190). Quanto a *Os Trabalhos e os Dias*, o poema apareceu pela primeira vez em 1989, também pela Iluminuras, na tradução parcial de Mary de Camargo Lafer⁹. Ou seja: se eu não estiver ignorando alguma tradução anterior (muito bem obnubilada pelo tempo¹⁰), foi só em torno dos anos 1980 que Hesíodo despontou no mercado editorial brasileiro, e proliferou-se em língua portuguesa a partir dos anos 2000.¹¹

Numa primeira leitura, o prefácio das traduções parecer ter servido mais para destratar a obra traduzida do que para introduzir ao leitor a relevância cultural do trabalho; e no entanto ambos se propuseram a efetivamente traduzir trechos do poeta menor, inclusive com um acabamento poético bastante diligente. Aliás, não deve ser coincidência que Bonifácio, conhecido como Patriarca da Independência, receado por conta de seus planos abolicionistas e exilado pelo Imperador após os embates sobre a Constituinte de 1823 (SOUSA, 2015), tenha traduzido e publicado durante seu exílio dois trechos da *Teogonia* que relatam justamente o embate dos recentes deuses Olímpicos contra o antigo reinado dos Titãs, a libertação dos antigos filhos do Céu e da Terra e seu discurso de aliança em prol da nova ordem olímpica, bem como o funcionamento do ostracismo divino

9. A informação consta no currículo Lattes da acadêmica. Só tive acesso à 3ª edição, de 1996.
10. Há na internet algumas menções sobre o português Moisés Bensabat Amzalak (acadêmico, economista, líder da Comunidade Israelita de Lisboa e salazarista) como tradutor do poema *Os Trabalhos e os Dias*, acompanhado por um estudo seu sobre economia, numa edição de 1947, à qual não tive acesso e cujas informações são muito escassas. A capa apresenta o livro muito mais como um estudo sobre a obra grega do que como uma tradução: <<https://esconderijosdoslivros.pt/product/hesiodo-e-o-seu-poema-os-trabalhos-e-os-dias-moses-bensabat-amzalak/>>. Acesso em 27 jan. 2021. Moura (2012) o inclui em sua bibliografia.
11. Talvez valha perguntar se essa letargia tradutória se deve em alguma medida à mentalidade hesitante e negadora acerca de Hesíodo — o não-Homero, o não-Vergílio, o épico-não-épico, o pré-pensador —, da qual nem seus primeiros tradutores estavam livres.

quando os deuses cometem perjúrio. No caso de João Félix Pereira, estamos lidando com um polímata que, além de Letras, Medicina e Engenharia Civil, também estudou Agronomia e Comércio, tendo se dedicado à divulgação de saberes nessas áreas (MOURA, 2014, p. 5); para traduzir *Os Trabalhos e os Dias*, poema que podia aliar ao menos duas de suas áreas de estudo, escolheu trechos que tratam especificamente do trabalho no campo e das atividades adequadas para cada estação. Podemos nos perguntar se não estava em questão uma tensão entre algumas apreciações já bem difundidas a respeito de Hesíodo (expressas nos juízos dos críticos citados por Pereira, por exemplo) e uma dimensão mais subjetiva dos tradutores, que encontraram no velho poeta grego um vislumbre de expressão estética para parte de seus afetos — não opostos àquelas opiniões, mas situados dialeticamente nesse espaço. É como se os tradutores, ao passo em que positivavam a poesia hesiódica, estivessem evitando ao máximo, diante de seu público e quicá de si mesmos, a pecha do mau gosto: era necessário afirmar a superioridade de Homero e de Vergílio em relação a Hesíodo. O fato de Bonifácio ter traduzido apenas os excertos de “mais valor” (mas para quem?) e de Pereira focar justamente nos trechos que mais se aproximam do assunto geral das celebradas *Geórgicas* talvez se deva, em parte, a essa relação oscilante. Hesíodo, afinal, não era tão ruim

a ponto de não ser traduzido — ruim, não tão bom, mas bom também.

THEOGONIA, POR JOSÉ BONIFÁCIO

Reproduzo abaixo, na íntegra, os dois trechos da *Theogonia* traduzidos por José Bonifácio sob o pseudônimo de Américo Elysio, presentes em suas *Poesias Avulsas* (ELYSIO, 1825, p. 102-105), publicadas em Bordéus durante o exílio. O número de versos de Bonifácio não corresponde exatamente ao dos versos gregos (pelo menos em comparação às edições atuais; não sei qual edição do texto grego Bonifácio utilizou), nem sua edição dispõe de uma numeração própria, mas inseri uma numeração circunstancial dando sequência ao número do verso anunciado por Bonifácio no título que deu a cada trecho, tanto para os fins de referência deste artigo quanto para facilitar a comparação com as edições recentes da *Theogonia*. Além disso, apesar de nas citações da seção anterior ter mantido a ortografia e a pontuação como constam nos juízos dos tradutores, decidi editar os trechos em questão segundo a norma vigente, em prol da clareza e da fluidez de leitura.

BATALHA
ENTRE OS TITANOS E OS DEUSES
v. 629 e seguintes

E certo batalharam largo tempo
 Titânios Deuses e os Satúrnios filhos,
 e deram-se entre si combates horrídeos:
 d'Ótris alta os Titanos gloriosos,
 e lá no Olimpo os Deuses benfeitores
 (que de Crono gerou, de tranças belas,
 Reia) dez anos entre si pelejam
 guerra crua, de sorte duvidosa;
 e os combates sem fim assim duravam.
 Mas desque lhes deu Jove o que era justo,
 ambrosia divinal e néctar puro,
 de que os Deuses se nutrem, generosa
 cresceu a audácia em todos. E já fartos
 sendo d'ambrosia e néctar saboroso,
 dos homens e dos Numes diz o Padre:
 “Ouvi-me pois, ó vós de Céu e Terra
 ínclita prole, ouvi-me o quanto dita
 e manda esta alma, que no peito trago.
 Há muito já que de contínuo andamos
 pela vitória e mando batalhando,
 os Titanos e os que de Crono viemos.
 É tempo já que força e mãos invictas
 contra os Titanos na pesada guerra
 mostreis agora; e recordeis de novo
 a plácida amizade e tudo quanto,
 depois de livres das prisões infames,

630

635

640

645

650

dos calabouços horrídeos das trevas,
 gozais de bens, por nossa só vontade”.
 Assim falou. Replica Coto ilustre:
 “Tu não dizes, ó Deus, coisas ignotas:
 todos sabemos que em prudência e siso
 ninguém te iguala. Tu somente foste
 que libertaste dos horrendos males
 os Imortais. Por teu saber profundo,
 da escuridão e dos grilhões saímos.
 Que de penas incríveis não sofremos,
 almo filho de Crono! Agora cumpre
 com forte coração, acerto e manha
 vingar o vosso Império em dura guerra
 contra os Titanos”. Disse; e os benfazejos
 Deuses ouvindo-o, o seu dizer louvaram.

655

660

665

A Estige, v. 775 e seguintes

Mora neste lugar horrída Estige,
 tremenda aos Deuses, filha do Oceano
 primogênita! E tem ínclito alcáçar
 longe dos Imortais, coberto todo
 de lajedos ingentes, rodeado
 por argêntas colunas que o sustentam.
 Poucas vezes a Filha de Taumante
 leve adeja do mar sobre as espáduas,

775

780

quando entre os Deuses surge alta contenda;
 mas se dentre eles há quem minta, manda
 Jove súbito a Íris que lhes traga
 em áureo vaso aquela água famosa
 (grande jura dos Deuses!), que ressumbra
 de alta rocha, depois que do Oceano
 longo espaço correrá subterrânea
 pelo seio profundo — e porém, dizem
 que é de toda ela só a parte décima;
 o resto se revolve no regaço
 do vastíssimo mar e em torno à Terra
 em vórtices de prata; e a outra parte
 em grão dano dos Deuses só goteja.
 Se por esta jurou e foi perjuro
 qualquer dos Imortais que o frio cume
 do Olimpo habita, por um ano inteiro
 inerte jaz então, sem tino e acordo:
 nem para ele há já ambrosia ou néctar,
 mas sobre o leito jaz sopito e mudo.
 Passado havendo deste mal o tempo,
 À primeira sua dor maior sucede.
 Desterrado do Céu nove anos anda;
 nem jamais é chamado ao grão Conselho,
 ou à mesa dos Deuses. Em dez anos
 volta por fim às divinais moradas.
 Tal é da velha Estige a água perene,

785 por onde os Deuses juram. Ela banha
 áridos chãos. Ali, da tenebrosa
 Terra, e do inexausto estéril Ponto,
 e do Polo estrelado estão por ordem
 as fontes, e as esquálidas, infaustas
 raias, que os mesmos Numes aborrecem.

790 O uso do decassílabo encontra amparo imediato na
 tradição portuguesa; a ausência de rima, provavelmente
 na convencionalidade (reforçada pelo fato de que os épi-
 cos da Antiguidade não se valiam de rima, e talvez mesmo
 pelo exemplo de épicos em decassílabos brancos, como
 795 *Paraíso Perdido* no cenário internacional e *O Uruguai* no
 cenário nacional). Inclusive, a percepção de parentesco
 entre Homero e Hesíodo talvez se deixe ver também pelo
 uso comum do decassílabo heroico nas traduções do XIX.
 Mas seria difícil, na verdade, pensar em uma escolha di-
 ferente para Hesíodo: a oitava rima (que também se vale
 do verso heroico, mas num arranjo específico), já usada
 800 pela Marquesa de Alorna em sua tradução do canto I
 da *Iliada*, provavelmente destoaria do estilo conciso e
 expositivo da poesia hesiódica, uma vez que fortemente
 relacionada à narração extensiva de empreendimentos
 heroicos via Camões; o verso livre (i. e., sem metro fixo,
 805 já que um verso nunca é livre *de facto*), amplamente uti-
 lizado pela geração dos acadêmicos do século XXI, seria

impensável; a prosa certamente não estava no horizonte do poeta; a rima acrescentava uma camada extra — ou mesmo desnecessária — de dificuldade.

Em matéria de dicção, apesar da linguagem mais atravessada do que veremos na tradução de Pereira (sobretudo pelos hipérbatos), Bonifácio não parece aderir de imediato — pelo menos na prática, em seu experimento com Hesíodo — à referida vertente filintista; note-se, contudo, seu aceno à futura geração de tradutores, que imediatamente evoca as produções odoricanas ao leitor contemporâneo e deixa claro seu alinhamento teórico. Escreve em sua advertência a Píndaro:

Para podermos pois traduzir dignamente a Pindaro, ser-nos-hia preciso enriquecer primeiro a lingua com muitos vocábulos novos, principalmente compostos, como provavelmente fizeram os mesmos Homero e Pindaro para com a sua: se por fatalidade nossa o immortal Camoens, que tanto tirou do Latim e Italiano, não ignorasse o Grego, certo teria dado ao seu Poema maior força e laconismo, e á lingua Portuguesa maior emphase e riqueza. Nos já temos muitos vocábulos compostos tirados do Latim, e porque não faremos, e adoptaremos muitos outros, tanto ou mais necessários em poesia, como por exemplo, *Auricómada, Roxicomada, Boquirubra, Braccirosea, Olhinegra, Olhiamorosa, Argentipede, Tranciloira, Docirisonha, Docifallante,*

etc. etc. Ousem pois os futuros Ingenhos Brasileiros, agora que se abre nova epocha no vasto e nascente Imperio do Brasil á lingua Portuguesa, dar este nobre exemplo; e fico, que a pezar de franzirem o beijo Puristas acanhados, chegará o Portuguez, já bello e rico agora, á rivalisar em ardimento e concizão com a lingua latina, de que traz a origem (ELYSIO, 1825, p. 114).

Mas se Odorico estenderia um projeto de concisão desde o vocábulo até a extensão do poema, Bonifácio antes aumentou o número de versos dos trechos da *Teogonia*, provavelmente devido ao fato de que um decassílabo português comporta menos informação semântica que um hexâmetro grego (para pelo menos preservar a isostiquia, o tradutor teria que lançar mão de uma concisão linguística que certamente comprometeria a clareza dos versos).

Também é interessante notar como Bonifácio oscila na utilização dos nomes romanos e parece favorável à convivência de formas latinas, gregas e portuguesas: o tradutor apresenta divindades romanizadas, como “Jove” (B., v. 638, 785)¹² e especialmente os “Satúrnios filhos” (B., v. 630), para logo mais se referir aos deuses como gerados por “Crono” (B., v. 634, 649) em vez de “Saturno”, muito provavelmente por necessidade métrica (não que fosse impossível reelaborar os versos em questão com o nome “Saturno”; mais difícil, sim). Já a tradução das

12. Dado que a tradução não possui a numeração igual à do texto grego, utilizarei a abreviatura “B.” para me referir à tradução de Bonifácio e “W.” para a edição do texto grego de Martin West (1966). Não tenho conhecimento da edição grega utilizada pelo tradutor, mas a de West serve para os fins de comparação deste artigo.

palavras γῆ, τάρταρος, πόντος e οὐρανός (W., v. 807-808) apresenta soluções bastante variadas: respectivamente, “Terra”, Ø (Bonifácio excluiu de sua tradução a palavra τάρταρος), “Ponto” e “Polo” (B., v. 811-812), para palavras que podem ser simplesmente traduzidas como “Terra”, “Tártaro”, “Mar” e “Céu”. “Mar” é a tradução que Bonifácio admite corretamente para θάλασσα (W., v. 781, 790; B., v. 782, 794), basicamente sinônimo de πόντος; “Céu” aparece uma vez para Οὐρανός (W., v. 644; B., v. 644) e uma para expressão θεῶν αἰὲν ἑόντων, “dos deuses sempiternos” (W., v. 801; B., v. 804). Para seus versos 811-812, o tradutor busca destaque pelo uso de palavras elevadas, muito embora estas convivam com escolhas diversas: a palavra “Terra” já está assentada ao uso comum do português e não pode ser considerada latinismo; as palavras “Ponto” e “Polo”, por outro lado, podem ser consideradas latinismos se tivermos em mente as palavras *pontus* e *polus* (ex.: *Eneida*, I, v. 556; III, v. 586) ou arcaísmos poéticos como o “ponto fundo” e o “estelífero polo” camoniano (*Lusíadas*, IX, 40, v. 2; I, 24, v. 2), mas ambos com o pendente helenizante de πόντος e πόλος (ao colocar πόλος e οὐρανός lado a lado, reforçava-se a concepção poética do céu como hemisfério côncavo que cobria a terra); “Tártaro” poderia ser considerado um caso semelhante (*Eneida*, VI, v. 577), embora Bonifácio tenha decidido omiti-lo de sua tradução, nem mesmo tendo buscado um semelhante

vernáculo como “inferno” ou “abismo”, talvez por achar redundante mencioná-lo ao lado da “tenebrosa Terra”, sua contraparte (afinal, o trecho é justamente uma descrição do submundo tartáreo) e/ou considerar que já havia excedido suficientemente o número de versos. Em suma: para traduzir os termos de destaque desses dois versos, o tradutor se valeu de uma palavra vernácula, de uma omissão estranha e de dois “latinismos helenizantes” — interessante pensar que estes últimos encontram amparo na épica heroica.

Ainda chamam atenção as traduções de κράτος e ἀπαμείρεται (“poder” e “é afastado, se priva”; W., v. 662, 801) para “Império” e “desterrado” (B., v. 667, 804), tendo-se em vista a trajetória política de Bonifácio e seu exílio anterior à publicação de *Poesias Avulsas*; e ainda sua atenção a especificidades, como na tradução dupla de ἀτρύγετος (W., v. 808) para “inexausto estéril” (B., v. 811), de modo a unir respectivamente uma interpretação moderna e uma antiga da palavra. Fora isso, chama atenção sua estratégia de variação irrestrita das repetições formulares: as repetições idênticas de fim de verso como 1) “θυμαλγέ’ ἔχοντες” (W., v. 629, 635), 2) “ὑπὸ ζόφου ἠερόεντος” (W., v. 653, 658), 3) “θεοὶ δωτῆρες ἑάων” (W., v. 633, 654) e 4) “εὐρέα νῶτα θαλάσσης” (W., v. 781, 790) são traduzidas respectivamente como 1) “Ø” (omissão), 2)

“das trevas [fim de verso]/da escuridão [início de verso]” (B., v. 655, 663), 3) “Deuses benfeitores [fim de verso]/benfazejos Deuses [fim de verso com *enjambment*]” (B., v. 633, 668) e 4) “do mar sobre as espáduas [fim de verso]/no regaço do vastíssimo mar [fim de verso com *enjambment*]” (B., v. 782, 793); repetições de fim de verso com leve variação como 1) “διὰ κρατερὰς ὑσμίνας/ἀνὰ κρατερὰς ὑσμίνας” (W., v. 631, 663) e 2) “ὅστις [...] Ὀλύμπια δώματ’ ἐχόντων/οἱ Ὀλύμπια δώματ’ ἔχουσι” (W., v. 783, 804) são traduzidas como 1) “combates hórridos/dura guerra [ambos em fim de verso]” (B., v. 631, 667) e 2) “eles [no meio do verso, referindo-se a “Deuses” do verso anterior]/divinais moradas [fim de verso]” (B., v. 784,); a repetição de versos inteiros em “Τιτῆνές τε θεοὶ καὶ ὅσοι Κρόνου ἐξεγένοντο/Τιτῆνές τε θεοὶ καὶ ὅσοι Κρόνου ἐκγενόμεσθα” (W., v. 630, 648) parece como “Titânios Deuses e os Saturnios filhos/e os Titanos, e os que de Crono viemos” (B., v. 630, 649). Tais repetições, típicas da poética oral arcaica, desagradariam ao olhar do leitor guiado por padrões estéticos distintos. Foi essa a mesma razão para Odorico Mendes posteriormente variar ou mesmo cortar as repetições formulares em sua tradução de Homero, como já mencionado.

Ressalto que desconheço a edição do texto grego que Bonifácio utilizou, e que portanto minha comparação

com a edição de 1966 assume um risco inevitável; dificilmente, contudo, haveria diferenças substanciais nos segmentos escolhidos, uma vez que as divergências entre edições costumam ocorrer, em sua maior parte, no plano gráfico e morfológico, ou em relação a alguma partícula, e mais raramente no plano vocabular, principalmente em se tratando de palavras tão recorrentes e ajustadas ao contexto. De todo modo, podemos entrever na breve *Theogonia* de Bonifácio uma tentativa inicial de realocar Hesíodo no verso português, guiada por convenções estéticas da tradição leitora (as teses oralistas de Parry e Lord, que firmaram o papel das repetições formulares como estratégia fundamental de composição da épica arcaica, só surgiriam no século seguinte) de modo a produzir um texto dentro do horizonte de expectativa geral de sua época, mas que acaba lançando alguma luz sobre as vias multiformes de recepção da épica grega. Especificamente sobre a oscilação dos nomes e palavras helenizadas, podemos entendê-la como ato receptivo das camadas de legibilidade que constituíam o texto historicamente — e que faziam a épica grega, latina e lusa anacronicamente se espelharem umas nas outras, com as devidas distorções do tempo —, mesmo que o foco primeiro do tradutor provavelmente estivesse na elaboração do decassílabo.

AS OBRAS E OS DIAS, POR JOÃO FÉLIX PEREIRA

A tradução de João Félix Pereira foi publicada em 1876 em Lisboa, num opúsculo originalmente intitulado *As obras e os dias: tradução do original grego em verso endecasyllabo. Apreciação d'este poema de Hesíodo, como livro de agricultura, com a tradução dos versos, que se referem a esta sciencia, por João Felix Pereira, agronomo*. A tradução dos trechos — 182 versos selecionados — felizmente é precedida pelo texto grego correspondente (embora transliterado, provavelmente devido a dificuldades tipográficas), que por sua vez é precedido pelo prefácio do tradutor, já mencionado neste artigo. Ao texto grego transliterado, a edição de Moura (2014) acrescenta uma versão no alfabeto grego. Reproduzo aqui apenas alguns segmentos da tradução de Pereira, no intuito de ilustrar o teor geral da tradução e fazer considerações sobre algumas escolhas específicas; para quem quiser ler a tradução na íntegra e vir a conhecer mais sobre João Félix Pereira e sobre os problemas acerca do texto grego que serviu de base para a tradução, o trabalho de Moura — ele próprio também tradutor de Hesíodo, vale ressaltar — é fortemente recomendado.

A edição grega utilizada por Pereira possui, antes do ponto em que se inicia a tradução, dois versos a menos do que as edições *standard* de hoje (nosso verso 383 é, para ele, 381); além disso, embora o texto de partida e o de chegada

estejam numerados, este último só é numerado para facilitar a comparação entre o grego e o português, visto que Pereira aumentou o número de versos em sua tradução e que nela os números não reproduzem uma contagem exata, mas só remetem à localização aproximada de informação do original (razão pela qual há na tradução sete versos entre a marcação do 415 e do 420, por exemplo)¹³.

Assim como na tradução de Bonifácio, atualizei a ortografia e a pontuação. Os trechos a seguir foram tirados da reedição de Moura (2014, p. 24-30):

Assim que as Plêiades, de Atlante filhas,
nascerem, à colheita dá princípio,
e lavra logo que elas se puserem.
Quarenta dias e quarenta noites
esta constelação está oculta,
mas revolido o ano, reaparece,
quando se estão as foices afiando. 385
Tal é a lei dos campos para aqueles
que perto do agitado mar habitam,
e p'ra os que vivem nos selvosos vales:
despido lavra e assim semeia e colhe,
se a tempo quer ter os dons de Ceres, 390
e para não andares mendigando
com inútil trabalho muitas vezes.

13. Por isso, para referenciar os versos da tradução com numeração indefinida, utilizarei a abreviatura "c.", de *circa*; ex.: "c. v. 415" diz respeito a qualquer verso entre 410 e 420.

[...]

Quando o calor solar que desafia
o transpirar a decrescer começa,
e o onipotente Júpiter no outono
chover, e bem mais presto andar o homem
(porque nessa estação o astro Sírrio
espaço breve está, durante o dia,
sobre nossas cabeças; é de noite
que por mais longo tempo se nos mostra);
quando a madeira menos se carcome,
depois de derribada p'lo machado;
quando das árvores as folhas caem,
e não se desenvolvem mais os ramos;
então é tempo de cortar madeiras.

415

[...]

Quando nas altas nuvens tu ouvires
a anual voz do grou, que denuncia
a chegada do inverno e o tempo próprio
para lavrar, e o coração aflige
d'aquele agricultor que bois não tenha,
então em teus currais os bois sustenta.

420

450

[...]

Pede a Jove infernal e à casta Ceres,
que de Ceres os sacros dons progridam.
Atrás um homem vá com uma enxada
a semente cobrindo, e d'este modo
as aves molestando. As boas praxes
ótimas são para os mortais, e mostra
o desarranjo péssimos feitos.
Penderão para terra com o peso
as espigas, se Júpiter permite.

470

[...]

De Júpiter Egíoco varia
o desígnio, aos mortais difícil sempre
de perceber. Porém, se tu lavrares
sendo já tarde, os únicos remédios
serão três dias de contínua chuva,
que as pegadas dos bois de todo encham,
quando o cantar do cuco principia
sobre a folhagem do carvalho e causa
prazer aos homens na espaçosa terra.
Só assim poderá quem lavra tarde
assemelhar-se ao que mais cedo lavra.

485

[...]

Quando Jove perfaz sessenta dias
 após hiemal solstício, a estrela Arcturo,
 deixado o sacrossanto curso tendo
 do oceano, aparece radiosa,
 pela primeira vez, ao fim da tarde.
 Costuma levantar-se depois d'ela
 a filha de Pandíon, a andorinha,
 que de manhã exprime seus queixumes,
 quando já vem chegando a primavera.
 Para podar as vides, eis o tempo.

[...]

Assim que tenham flor as alcachofras,
 e a sonora cigarra, muitas vezes,
 pousada sobre as árvores, entoe,
 com suas asas, trêmulas cantigas
 pela estação do trabalhoso estio,
 então as cabras tornam-se mui gordas,
 o vinho é ótimo, as mulheres mostram
 muita lascívia, os homens são mui^[14] fracos,
 porque Sírio os joelhos e a cabeça
 cresta, com o calor o corpo seca.
 À sombra d'uma gruta saboreia
 Biblino vinho, de pastor os bolos,
 leite de cabra não amamentando,

carne de vaca ainda não parida,
 alimentada sendo na floresta,
 e também a de tenros cabritinhos. 590

Depois de satisfeito de comeres,
 sentado à sombra, aos Zéfiros fagueiros
 voltando o rosto, bebe vinho tinto
 com água pura, que da fonte corra.
 Três partes sejam de água, uma de vinho.
 Quando Oriente aparecido tenha,
 A teus servos ordena que debilhem 595
 Os sacros dons de Ceres, em lugares
 Muito bem aplanados e ventosos:
 Mede e recolhe o grão em boas arcas.

[...]

Quando Oriente e Sírio têm chegado
 a meio céu, e a Aurora vê Arcturo,
 então, ó Perses, colhe e para casa
 trata de conduzir as uvas todas.
 Espaço de dez dias e dez noites 610
 ao sol expostas debes conservá-las,
 cinco dias à sombra, e ao sexto lança
 em vasilhas os dons do alegre Baco.
 Quando porém as Plêiades se ponham,
 as Híades e o válido Oriente,

14. Na edição de Moura lê-se "muito",
 mas isso excede o decassílabo.

de lavrar é então chegado o tempo.
Oxalá o ano próspero te corra.

[...]

Cuidado tem, no dia dezessete,
De deitar numa eira muito lisa
Os dons de Ceres: cortem-se madeiras
Para edificação de naus e casas.

[...]

Os aspectos gerais da tradução de Pereira não diferem muito dos da tradução de Bonifácio. Sobre o uso do decassílabo, basta acrescentar que, se para a *Theogonia* estranharia o uso da oitava rima, para *As Obras e os Dias* soaria bizarro pelo mesmo motivo. O decassílabo branco novamente se mostra como forma conveniente para a versão da poesia hesiódica em português¹⁵; note-se, porém, o andamento jâmbico mais marcado na tradução de Pereira.

O tradutor também segue a convenção dos nomes latinos, com as formas alternativas “Jove/Júpiter” (c. v. 415, 470, 485, 565) e “Ceres” (c. v. 390, 470); “Baco” (c. v. 610), por sua vez, é uma forma alternativa já usada

pelos gregos (“Βάκχος”) para o deus Dioniso, mas adotada pelos romanos como nome principal da divindade que, no texto grego, de todo modo, aparece com o nome tradicional “Διώνυσος” (v. 612). Já as constelações mantêm suas formas gregas “Plêiades”, “Oriente (i. e., Órion)” e “Híades”, bem como as estrelas “Sírio” e “Arcturo”, (c. v. 610), uma vez que também assimiladas pelos romanos. Sobre a questão dos nomes, porém, destaca-se a tradução “de Júpiter Egíoco” (c. v. 485) para “Ζηνὸς [...] Αἰγιόχοιο” (v. 481), expressão que junta um nome romano com uma forma vernaculizada do grego (a princípio, desnecessariamente). Tradicional epíteto de Zeus, “αἰγιόχος” significa “portador da égide”, mas Pereira preferiu vertê-lo como um nome próprio, provavelmente tendo em vista a maiúscula em sua edição do texto grego e a dificuldade de moldar o decassílabo de forma satisfatória no caso de sua tradução; sua versão, contudo, ainda que norteadada pela nomenclatura romana, ignorou a possibilidade de formar um homólogo latino como “Egífero” (que inclusive encadearia um belo jogo de aliterações de fricativas no verso em questão e no seguinte), e se valeu da forma vernaculizada diretamente do grego. A possibilidade estava dada não só no mundo das ideias: na nota ao verso 364 do “livro III” de sua tradução integral da *Iliada*, publicada dois anos antes do opúsculo de Pereira, Odorico Mendes explicava o uso do neologismo latino:

15. Como contraponto, vale mencionar a tradução para o inglês feita pela poeta Alicia Stallings (2018) em pentâmetros jâmbicos rimados em dísticos, tal como as antigas traduções de Alexander Pope para Homero. Breve trecho (v. 176-178):

For this age is an Iron Age indeed –
Suffering never ceases for our
breed:
By day, men toil; night worries
them with care,
And the gods will give them
troubles hard to bear [...]

364. *Egifero*, adjectivo latino, corresponde a *egiacho* adotado por [Vincenzo] Monti [1754-1828] no italiano: sirvo-me de ambos, segundo o pede a euphonia: *egiacho* no grego he o que traz escudo de pelle de cabra ou egide. Nos livros antecedentes já tenho usado deste epitheto (MENDES, 1874, p. 48).

Por lapso ou deliberadamente, Pereira justapõe um nome latino a uma palavra grega — que só pode ser entendida por quem conhece o idioma — em um projeto de tradução que visa a romanização das divindades. Importa mais o resultado: somadas as constelações que remetem ao grego, temos mais um interessante caso de convivência de formas que nos permitem entrever os espelhamentos de recepção da poesia antiga. E existe ainda um brilho extra no vocabulário com as palavras de origem árabe “alcachofra” (v. 580) e “oxalá” (v. 615), que traduzem respectivamente “σκόλυμος” (“cardo-de-ouro”, mais especificamente) e “εἶη” (“seja”) e agregam mais uma camada de riqueza linguística ao texto de chegada, assim como o “alcáçar” na tradução de Bonifácio (B., v. 777).

No tocante às repetições formulares, o tradutor também se vale da variação, embora mais sutil. São apenas duas as fórmulas que apresentam correspondentes internos no trecho selecionado por Pereira, ambas em fim de verso: “Δημήτερος ἱερὸν ἀκτῆν” (v. 464, 595, 803) e “σθένος

’Ωρίωνος” (v. 596, 613), traduzidas respectivamente como “de Ceres os sacros grãos [meio de verso]/os sacros dons de Ceres [início de verso]/os dons de Ceres [início de verso]” (c. v. 470¹⁶, 595, 803) e “Oriente [meio de verso]/ o válido Oriente [fim de verso]” (c. v. 595, 615). Já ao contrário das fórmulas, temos a ocorrência do raro composto épico κηριτρεφής¹⁷ no segmento “[...] ὑπὲρ κεφαλῆς κηριτρεφέων ἀνθρώπων” (“[...] sobre a cabeça de humanos **nutridos-para-morte**”, v. 416), que infelizmente foi omitido na tradução “sobre nossas cabeças” (c. v. 415). É uma omissão infeliz porque, além da raridade do vocábulo e do potencial de seus desdobramentos em português, promove um apagamento do pessimismo hesiódico em relação à condição dos mortais, traço marcante da obra. No caso do hápax ὀρθρογόη em “[...] ὀρθρογόη Πανδιονίς ὄρτο χελιδών” (“a andorinha Pandionida, **pranto-d’aurora**, se lança”, v. 566), Pereira adotou uma postura explicativa, desenvolvendo o sentido do epíteto em um decassílabo inteiro: “a filha de Pandión, a andorinha,/que de manhã exprime seus queixumes” (c. v. 565). Esse é um exemplo muito ilustrativo de como o tradutor busca priorizar a clareza de linguagem em detrimento das formas raras que conferem certa elevação a trechos específicos.

Desde o metro que assenta Hesíodo na tradição do verso português até a dissolução das repetições formulares

16. Pereira desloca o conteúdo de dois versos para mais adiante em sua tradução, embora os mantenha em sua posição original no texto grego; daí a correspondência mais imprecisa ainda.

17. Que, segundo o LSJ, só aparece de novo em um escólio ao verso 638 da tragédia *As Fenícias*, de Eurípides; ou seja, quase um *hápax*.

da poesia oral e a convivência de nomes gregos e latinos que reconfiguram a obra aos padrões estéticos de uma cultura exclusivamente leitora e ressaltam a trajetória de recepção da antiguidade greco-romana, temos em Pereira uma tradução de projeto semelhante ao de Bonifácio, no âmbito limitado da poesia hesiódica, e ao dos tradutores de Homero, no âmbito mais amplo da épica antiga. Talvez seja a complexidade da dicção o fator que marcadamente faz a distinção tanto entre a tradução da poesia heroica e a da hesiódica — especialmente em relação às homéricas traduções de Odorico, de filiação filintista — como também, embora em menor grau, entre a tradução de Bonifácio e a de Pereira: o primeiro muitas vezes se vale de hipérbatos e de palavras eruditas, além daqueles “latinismos helenizantes” exclusivamente poéticos, respaldados numa tradição épica anterior (obviamente heroica); o segundo, com exceção de seu “Egíoco” e do trecho sobre a primavera (c. v. 565), nos apresenta um Hesíodo mais plaino, com pouquíssimos volteios sintáticos e preciosismos vocabulares aparados, mais afeito aos traços gerais da estética árcade.

O HERACLÍTICO DA TRADUÇÃO

“¿Qué son las muchas traducciones de Homero y Hesíodo sino diversas perspectivas de un hecho móvil, sino

un largo sorteo experimental de omisiones y de énfasis?”, diz Borges em alguma página da Biblioteca¹⁸.

De todas as traduções aqui apresentadas, podemos depreender o paradigma comum do decassílabo heroico, dos nomes romanos e das omissões de repetições formulares como convenções gerais de época pelas quais o texto não só era socializado como poesia, mas especificamente sustinha sua índole de “épico antigo” (ou quase isso, no caso de Hesíodo), apesar dos aspectos formais radicalmente diferentes dos da épica grega arcaica. De todo modo, não estamos aqui diante daquilo que Benjamin considera inessencial na tradução de poesia, i. e., a transmissão do conteúdo informacional imediato; antes, nos deparamos com traduções que efetivamente se propõem como obras poéticas e que parecem contemplar o que o filósofo considera “essencial” nesse âmbito (2008, p. 82). Existe mesmo uma atenção sobre intencionalidades poéticas que se traduzem, por exemplo, quando a Marquesa de Alorna, com seu Homero em oitava rima, busca no presente um espelhamento para a antiga tradição hexamétrica e recontextualiza sua *Iliada*, que passa a refletir a tradição dos épicos renascentistas (e sobretudo o camoniano) sem deixar de lado a nitidez linguística dos poemas homéricos; ou quando Odorico radicalmente espelha a inventividade verbal da épica arcaica com neologismos

18. “¿Qué son las muchas [traducciones] de la *Iliada* de Chapman a Magnien sino diversas perspectivas de un hecho móvil, sino un largo sorteo experimental de omisiones y de énfasis?” (BORGES, 2012, p. 1).

latinos e construções solenes, ainda que em detrimento da mesma nitidez linguística prezada pela Marquesa; ou quando Bonifácio busca, em verso e palavra, ecos da tradição heroica romana e classicista para sua *Theogonia*, de modo a refletir as consonâncias existentes entre Hesíodo e a poesia heroica; ou quando Pereira ressalta uma dicção ainda mais amena para Hesíodo sem prescindir do verso heroico, reflexo do uso comum do hexâmetro para as práticas distintas da épica antiga.

Mas é outra a postura que Benjamin põe no cerne da tarefa do tradutor. Nos casos acima, o “eco do original” (2008, p. 91) é orientado para a língua de tradução mais para ser abocanhado por esta e conferir validade quase exclusivamente à orientação estética de quem o devora. Isso se fundamenta na estratégia de traduzir a familiaridade que existia entre a obra e o público antigo para uma familiaridade moderna; ou seja, todas essas traduções se propõem, em alguma medida — menor, no caso da de Odorico —, a servir o leitor, ideia que para Benjamin não compreende o verdadeiro potencial da atividade tradutória (2008, p. 82-83). É a defesa de um pendor estrangeirizante, da busca de um eco da tangibilidade dessa *intentio* que revele a historicidade da obra alheia pelo choque com a língua familiar — na verdade, pela complementaridade de linguagem, pela convergência para a “língua pura”

(2008, p. 92) — que distingue a teoria benjaminiana; e é nesse sentido que surgem como exemplo as traduções de Hölderlin e de Voss¹⁹, bem como a ilustrativa citação de Pannwitz (apud BENJAMIN, 2008, p. 96):

As nossas versões, mesmo as melhores, partem de um falso princípio: pretendem germanizar o indiano, o grego, o inglês, em vez de indianizar, helenizar, anglicizar o alemão. Revelam uma veneração muito maior pelos usos linguísticos domésticos do que pelo espírito da obra estrangeira... O erro fundamental de quem traduz é o de fixar o estado da língua própria, que é obra do acaso, em vez de a fazer entrar num movimento intenso por intervenção da língua estrangeira. Ele deve, mais ainda se traduzir de uma língua muito distante, recuar até aos elementos primordiais da própria língua, lá onde palavra, imagem e sonoridade se confundem. Tem de alargar e aprofundar a sua língua através da língua estrangeira. Não se imagina até que ponto isso é possível, até que limite uma língua se pode transformar, como as línguas se distinguem quase só como os dialectos. [...].

Antes vago, fica mais claro com os exemplos que esse eco da “*intentio* do original” não se refere ao teor de uma obra familiar para seus entornos submetido à busca de correspondências igualmente familiares para a cultura de chegada pela dissolução de suas complexidades de

19. Johann Heinrich Voss (1751-1826), vale ressaltar, traduziu na íntegra os dois épicos homéricos e os três atribuídos a Hesíodo, buscando emular em todos eles o hexâmetro datílico antigo. Chega a ser vertiginoso comparar a trajetória de tradução desses autores em língua portuguesa. Apenas indico um link de acesso a suas traduções, onde podemos encontrar Homero, Hesíodo, Vergílio e outros: <tinyurl.com/3czax47y>. Acesso: 08 fev. 2021.

forma (como fizeram os tradutores do português, com outra leve ressalva para Odorico), e sim, pelo contrário, à recriação formal de uma *intentio* que faça ressoar a realidade linguisticamente palpável da *intentio* do original como fragmento de uma identidade deslocada, aberta ao estrangeiro mas voltada à complementação linguística (como nas traduções dos alemães mencionados). No meio disso, é claro, há o agravante de que a própria intencionalidade das obras não se apresenta de modo uniforme, uma vez que seu grau de objetividade está condicionado à mentalidade das épocas receptoras e à percepção do próprio tradutor: a *intentio* do original se constrói dialeticamente a partir do potencial de sentido contingente dado na objetividade da forma, sendo a obra então essencializada conforme apreendida, sempre nesse movimento histórico constante e sujeito às alterações mais diversas (especialmente no caso de obras distantes no espaço e no tempo, como é o caso da épica arcaica).

De todo modo, no que se refere às traduções que apresentei, não temos nenhuma que priorize a dimensão semântica do texto, i. e., seu conteúdo comunicacional imediato, em detrimento das condições formais que definiam um texto como poesia, mas tampouco temos uma preocupação emulativa sobre a forma autóctone do texto-fonte, o que seria crucial para se entrever especificidades

estéticas do outro — que também são sua história: na épica grega, talvez sejam as fórmulas de composição oral o que há de mais distinto em relação às poéticas canônicas — e assimilá-las à cultura de chegada, de modo que o elemento estrangeiro só vigora no difuso plano da representação. Assim, as noções domésticas que envolvem as traduções em questão convencionavam uma identidade para o antigo, que, para ser apreciado como tal, devia não só não ser o mesmo (isso é inerente à prática da tradução), mas trazer desse processo de derivação o mínimo de seus traços aborígenes. Daí o paradoxo: Homero só era o bom Homero se deixasse de ser, radicalmente, o Homero que havia sido. Certamente uma tradução de pendor estrangeirizante tampouco apresentaria Homero *tal como era* — o mais próximo disso seria fazer a tradução redundar no texto de origem —, mas ainda assim comportaria alguns traços marcadamente estranhos, dialeticamente reformulados no texto de chegada a partir de uma raiz alheia, os quais os tradutores em questão propositalmente transfiguravam. No limite, a possibilidade de identificação se dava após um violento processo de diferenciação e aclimação sob a redoma do familiar: por mais prestigiada que a “poesia grega” fosse, ela devia necessariamente ser domada e tornar-se poesia de seus entornos para seus entornos, assim como teria sido no passado.

Estamos aqui, portanto, numa situação oposta não só à metafísica benjaminiana, mas especialmente àquela posição já bem difundida nos estudos da tradução a respeito da ética da prática tradutória, a qual, segundo Antoine Berman, deve ser animada pelo desejo de abrir o estrangeiro em sua condição de estrangeiro no espaço próprio da língua de chegada: “o objetivo ético, poético e filosófico da tradução consiste em manifestar na *sua* língua esta pura novidade ao preservar sua carga de novidade” (2013, p. 69, grifo do autor). Podemos falar, em contrapartida, de um etnocentrismo que constitui em alguma medida as quatro traduções aqui discutidas — talvez em maior grau no caso da Marquesa, pela forma muito específica da tradição vernácula, e em menor grau no caso de Odorico, pela abertura ao modo de formar estrangeiro; já as de Bonifácio e Pereira ficam no meio disso: como vimos, existe de fato um pendor helenizante em alguns termos, sobretudo naqueles que não possuem correspondentes latinos imediatos, mas tudo isso é muito circunstancial se comparado ao projeto maior das traduções. Para discernir a dinâmica de poder que envolve o processo de derivação etnocêntrica, podemos entender a tradução como instância de consagração do universo literário pelos processos de “intradução” e “extradução”, como propõe Casanova (2002, p. 169-172). A literarização implicada nas traduções do XIX (mesmo nas que não vingaram em

seu tempo) tinha o potencial de suplementar a literatura de língua portuguesa ao mesmo tempo em que validava e reforçava a orientação estética da própria língua-alvo, radicalmente diferente da forma autóctone grega, sob o renome do clássico “universal” (especialmente em se tratando de Homero); mais do que isso, tanto a cultura romana quanto a grega se beneficiavam com o processo de difusão e reafirmação de seu prestígio, ambas sob a égide da “Antiguidade ancestral”, dado o processo não-linear da extradução de uma língua-fonte que ainda estava necessariamente vinculada à história de sua recepção internacional. Uma vez que essa Antiguidade foi historicamente construída e referida como fundamento das estéticas europeias, e inclusive idealizada como apogeu da arte, o benefício novamente se voltava para a própria cultura de chegada, sua “continuadora”.

Mas a questão também deve ser pensada num sentido diverso. O apelo à estética familiar, à obra domesticada, pode se mostrar fecundo principalmente se estivermos falando da formação de um público leitor; no caso das traduções dos gregos, estava em jogo especificamente a garantia de aceitação e circulação de textos que, apesar de renomados, ainda eram novos na língua vernácula e sempre se fizeram reconhecer pela recepção romana — e mesmo assim, vale reiterar, Odorico Mendes foi bastante

afoito em matéria de experimentação e suplementação linguística²⁰. Aquela dissolução da forma autóctone recontextualizada na tradição do verso português e dos épicos renascentistas somada ao admirável esforço de efetivamente colocar Hesíodo para circular como poesia segundo os parâmetros de época (ainda que muito incompleto, uma “nota de rodapé” ao sistema da literatura antiga em tradução) revela também a historicidade própria do que Haroldo de Campos chama de “tradição viva” e desenvolve com as considerações de Meschonnic (apud CAMPOS, 2013, p. 39): “a poética da tradução historiciza as contradições do traduzir entre a língua de partida e a língua de chegada, entre época e época, entre cultura e cultura, relação subjectal e *reprodução*”. Ilustra bem esse processo de apropriação da historicidade do texto-fonte, que passa a envolver outra cadeia de relações, outra intertextualidade (CAMPOS, 2013, p. 42), o modo como Augusto de Campos faz um aceno a João Cabral para traduzir o aceno que Edward Fitzgerald faz a Shakespeare em sua tradução dos *Rubáiyát* de Omar Khayyám (movimento que inclusive lembra os espelhamentos da tradição neoclássica sobre a tradução dos gregos no XIX). Vale pensar no quanto esse movimento usurpatório tem o potencial de reivindicar uma voz própria em relação à idolatria do original. Não há dúvida de que a restituição deliberada do estrangeiro assume um

papel importantíssimo de difusão cultural, e mesmo indispensável para a afirmação de grupos tradicionalmente apagados da história oficial, uma vez que se propõe a abalar aqueles velhos conceitos ilusórios como o de “universalidade” literária — justamente fruto de uma mentalidade colonizadora, fundada no etnocentrismo. Nesse sentido, contudo, principalmente graças à universidade pública, estamos bem munidos nos estudos da tradução para pensar criticamente esse teor em produções do passado e lidar com obras contemporâneas. Tampouco serviriam exemplos absurdos para argumentar que hoje a relativização da postura estrangeirizante daria margem a aberrações: uma tradução de cantos ameríndios para sonetos petrarquianos em diálogo com o paganismo romano ou com a cultura cristã certamente causaria repulsa independentemente da orientação teórica do leitor, e felizmente, até onde sei, só existe na Biblioteca borgeana. O que pensaríamos, por outro lado, da estrangeirização acentuada em alguma tradução de Ghassan Kanafani, de modo que mesmo as expressões mais cotidianas fossem representadas na condição de “outro”? Não estaria ali o ruído de um orientalismo consonante ao exotismo do horizonte de expectativa ocidental, como se não houvesse possibilidade efetiva de contato mais íntimo entre as culturas, entre nós e essa “alteridade radical” que se manifesta na imagem mistificada do “mundo árabe”?²¹

20. Principalmente em relação aos neologismos compostos, já preditos, reitero, por Bonifácio na advertência à sua tradução de Píndaro (ELYSIO, 1825, p. 114).

21. O próprio Berman afirma que a questão em jogo é procurar *situar* “a parte necessariamente etnocêntrica e hipertextual de toda tradução” (BERMAN, 2013, p. 54), e, em outra ocasião, que “a tradução realmente ética deve evitar tanto o efeito abusivo de estranheza quanto o efeito abusivo de naturalização” (BERMAN, 1995, p. 30, tradução minha).

Quero dizer que a dimensão ética da tradução, regulada pelas tensões políticas do tempo que a constitui, parece dizer muito mais respeito à ponderação da crítica do que à definição de um paradigma tradutório. Também a dissolução ponderada do outro na forma receptora, consideradas as tensões de cultura, pode ser um modo respeitoso de traduzi-lo.

A propósito da tarefa do historiador da tradução, Brunno Vieira já bem destacou: “Está fora de questão a imposição de um modo ‘certo’ de traduzir. Ao contrário, o que está em jogo é um exercício de conhecimento das diferentes modulações que um texto pode alcançar, quando trabalhado por tradutores de diferentes épocas, estilos e concepções transláticas” (2010a, p. 79). Retorno agora aos gregos para pensar como o próprio tradutor pode se situar criticamente diante da história da tradução. Aquele movimento de omissões e ênfases que Borges menciona a respeito das versões homéricas deve ser retomado: as traduções que apresentei, tanto de Homero como de Hesíodo, de fato omitiam muitos aspectos da cultura arcaica que hoje entendemos como fundamentais para a reelaboração identitária da poesia grega, e o faziam em prol tanto de uma convenção que determinaria a circulação das obras como também da reafirmação de uma estética própria, cuja tradição

remontava ao classicismo português. Se é necessário falar de um conceito vago como “fidelidade”, nesse caso ela residia na reelaboração do conteúdo geral do poema em consonância com a “tradução da tradição”, que, no âmbito da forma (idiosincrasias à parte), buscava recriar uma familiaridade entre obra e público. Como as decisões de tradução também são pautadas pelas noções de época sobre a intencionalidade das obras, tal interesse por se afirmar em relação ao cânone num processo de integração contínua, em detrimento das especificidades do estrangeiro, operava dialeticamente com a situação precária da discussão sobre a relevância das repetições formulares para a composição da épica arcaica e, mais genericamente, sobre as interfaces entre literatura e oralidade. O resultado disso foram épicos gregos alatinados e grafocentros — que desempenharam um importante papel na formação leitora desses textos fundamentais e podem ser fruídos ainda hoje. Talvez a tarefa do tradutor de literatura seja não meramente “estrangeirizar” ou “domesticar” determinada obra, mas discernir a historicidade dela em sua própria cultura e promover novas e efetivas ênfases diante das omissões dos outros tempos e de suas contemporâneas, sem necessariamente comportar as mesmas ênfases das demais; em outras palavras, fazer com que o leitor, ignorante ou não da língua do original, sintá-se em sua própria língua como Borges em

relação às versões internacionais de Homero: diante de uma múltipla e espaçosa biblioteca. Nesse sentido, o tradutor não se move de acordo com um método exemplar de traduzir, preestabelecido, nem sob aquela premissa mais ou menos vazia da inovação por si mesma, mas com o compromisso ético de revelar as potencialidades ainda latentes do contato linguístico, tendo em vista a tradição na qual se insere e as tensões culturais de sua época.

Quando colocamos Homero e Hesíodo lado a lado em língua portuguesa, vemos uma trajetória muito díspar. O primeiro ponto já foi comentado: Homero vicejou em traduções desde o XIX, todas elas com projetos estéticos muito distintos entre si, enquanto Hesíodo ficou limitado à tradução dos breves excertos apresentados até a era dos acadêmicos, no final do século XX. O segundo ponto é mais sintomático: se podemos falar tanto das versões homéricas como das hesiódicas em português, estas, em relação àquelas, se mostram muito mais semelhantes umas às outras, norteadas pela priorização da justeza semântica em relação ao original (segundo a legibilidade contingente deste), pouco refletindo as experimentações vocabulares já feitas com Homero e nada afeitas a soluções métricas. Não é à toa que ou o verso livre ou a prosa — mas sobretudo o verso livre — vieram a ser a forma exclusiva para a retomada hesiódica, dada a maior

maleabilidade ensejada para as construções linguísticas e para a escolha vocabular; Homero, porém, pode ser lido em versos livres, decassílabos, dodecassílabos, e mesmo numa emulação vernácula do próprio hexâmetro datílico, com dicções as mais variadas²². As traduções mais recentes da *Teogonia* e de *Trabalhos e Dias* para o português seguem pela mesma orientação estética, amparada pelo comentário: respectivamente, a do filósofo, escritor e *youtuber* Henry Bugalho (2020) e a das professoras e pesquisadoras Glória Braga Onelley e Shirley Peçanha (2021). Vale também notar que, ao contrário do que vimos na comparação dos excertos hesiódicos e homéricos do século XIX, dificilmente encontramos hoje alguma aproximação de dicção, metro e arcabouço vocabular/formular entre as traduções de Homero e Hesíodo em português, e o abismo entre os dois representantes da épica grega arcaica parece se alargar ainda mais²³. A inventividade verbal e o trato estético que encontramos nas traduções dos textos hesiódicos parece se efetivar somente na medida em que não conturbe a justeza semântica dos poemas; ou seja: não refratar o conteúdo comunicacional imediato se mostra como orientação da elaboração formal dessas traduções. É pertinente perguntar se não estamos imersos num paradigma excludente sobre a épica arcaica, o qual pode não somente ter influenciado a trajetória morosa da tradução de Hesíodo como ainda

22. Vide referências bibliográficas, seção “traduções selecionadas”. Em circulação mais restrita, tenho notícia da tradução ainda inédita de Leonardo Antunes em duplo decassílabo. É também interessante notar que somente Hesíodo foi objeto de interesse prático das tradutoras brasileiras, todas providas da academia e com uma abordagem tradicional (mais “comportada”), enquanto Homero ainda hoje permanece exclusivamente como objeto de varões sisudos no beligerante terreno da “tradução poética”.

23. Nesse caso, as traduções de Christian Werner são uma exceção: tradutor tanto dos épicos homéricos como dos hesiódicos, ele apresenta uma dicção e uma estratégia de composição comuns a ambos, feitas as ressalvas de estilo.

pesar sobre as abordagens estéticas contemporâneas, que talvez encarem essa antiga figura mais como um pensador a ser liberto da forma que o restringe e menos como um poeta a ser apreciado na forma que o fundamenta.

Esse é um terreno perigoso, pois é muito fácil inferir a partir disso que estou desaprovando as traduções de Hesíodo ou necessariamente desestimulando a abordagem em questão. Isso não só seria presunçoso e descabido, mas principalmente uma negligência crítica: primeiro porque toda tradução, independentemente de sua orientação estética, atualiza nossa compreensão sobre a obra traduzida, o que significa dizer que toda tradução em alguma medida promove novas ênfases; segundo, porque mesmo as traduções de primazia semântica operam numa poética própria, na medida em que também elas são constituídas de escolhas que se voltam sobre seu modo de formar — também nelas está a preocupação de *como* dizer. Uma vez que tal postura tradutória se desenvolveu historicamente na academia e geralmente se vale de algum estudo ou comentário principal, diante dos quais a tradução muitas vezes assume papel meramente instrumental, o resultado desse tipo de abordagem costuma ser chamado de “tradução acadêmica” em oposição à “tradução poética”, de primazia formal, que se sustentaria por si mesma; além disso, entra em questão

a carga valorativa dessas abordagens: o adjetivo “poético” muitas vezes desempenha a função de “bom, brilhante” (e se mostra cada vez mais conveniente para o mercado editorial), ao passo em que, num outro extremo, uma “tradução acadêmica” pode ser anunciada ou vista como “legítima”, livre das veleidades que distorcem a pretensa verdade do texto. Essa distinção de traduções traz muito da teoria jakobsoniana, mas ignora tanto as nuances da poeticidade que fundamenta qualquer trabalho de linguagem como principalmente as complexas forças culturais que regulam a definição do “poético” e nossa apreciação de um texto, e ainda o potencial revelador que existe em qualquer tradução em relação ao original. Um “tradutor acadêmico” saberá falar melhor do que ninguém sobre o trabalho poético que regula a composição de seu texto em prol da clareza, concisão, justeza semântica e interpretativa em relação aos estudos mais recentes etc., no qual inclusive determinado público pode ver uma “beleza poética” muito mais expressiva do que nos malabarismos formais de traduções anunciadas como “poéticas”; do mesmo modo, um “tradutor poeta” reivindicaria com razão o estatuto acadêmico de sua tradução — especialmente se ela *provém da academia* — enquanto texto capaz de revelar aspectos tanto da cultura de partida quanto dos processos linguísticos envolvidos na reelaboração e compreensão do outro, tudo isso também amparado por

um estudo rigoroso e passível de ser desenvolvido em paratextos. Talvez os rótulos em questão mais sirvam para enaltecer ou estigmatizar os trabalhos de tradução a depender de seu enunciador e do público ao qual se dirige. Não quero neutralizar diferenças óbvias sobre o grau de trabalho formal e limitações que incidem sobre essas abordagens, mas chamar atenção para a complexidade que é esquecida quando as práticas de linguagem passam a se cristalizar sob rótulos que propagam a ilusão da plena definição.

Finalmente, minha crítica mais se refere ao problema da monotonia hesiódica. Entendo que a reiteração constante de uma poética de primazia semântica nas traduções pode difundir, mesmo que sem intenção, algo semelhante à “ideologia da pristina simplicidade” mencionada por Campos (2012, p. 38), como se estivesse vedada a esse “pensador mitológico” a complexidade composicional sobre a qual incide com maior força a noção do “poético”, que se materializa, amparada por uma vasta tradição, no artificialismo métrico, na composição vocálica e sonora, nos jogos de palavras etc., e que orientou e ainda orienta as traduções dos épicos homéricos e a concepção canônica de poesia (por bem ou por mal). Nesse ponto, devemos admitir, os tímidos tradutores do XIX foram mais solícitos, à parte suas considerações infelizes

sobre o poeta. Não digo que devamos ser subservientes a alguma tradição estética, mas sim nos valer de uma postura propícia a reinventá-la; digo que Hesíodo foi assentado num lugar que não deve ser o único. Quanto aos dualismos Homero & Hesíodo, original & tradução (poética & acadêmica), domesticação & estrangeirização, o leitor atento terá percebido meus impasses e possíveis contradições imersos nas oscilações do *lógos*; na impossibilidade de resolvê-los, podemos recorrer a uma estratégia já utilizada por Jessé Gomes da Silva Filho; mas ao heraclítico seu que intitula este trabalho, faço seguir um do próprio Heráclito, mais denso e apropriado para a situação (fr. 67, tradução de José Cavalcante): “o deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, saciedade fome; mas se alterna como fogo, quando se mistura a incensos, e se denomina segundo o gosto de cada”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor (1923). Tradução de João Barrento. In: BRANCO, L. C. (org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2013.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.

BORGES, J. L. **Las versiones homéricas** (1932). Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2012. Disponível em: <tinyurl.com/y4tmx4fa>. Acesso: 07 fev. 2021.

BRUNHARA, Rafael. 25 proêmios da **Odisseia. Primeiros Escritos**, 2020. Disponível em <tinyurl.com/24nn76dt>. Acesso: 07 fev. 2021.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

CAMPOS, Haroldo de. Tradução, ideologia e história. In: TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, T. M. (orgs.). **Haroldo de Campos: transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. Tradução de Marina Appenzeiller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CERDAS, E.; BORGES, J. J. Homero Árcade: uma análise da tradução da Marquesa de Alorna para o Canto I da **Ilíada**. **Ágora: Estudos Clássicos em Debate**, Aveiro, n. 19, p. 357-378, 2017.

CHANOCA, T. A. O texto pelo avesso: a gênese das traduções em português da **Ilíada**. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2017.

GREENOUGH, J. B. (ed.). *Bucolics, Aeneid, and Georgics of Vergil*. Boston: Ginn & Co, 1900. Disponível em Perseus Digital Library: <tinyurl.com/9utaa7g1>. Acesso: 07 fev. 2021.

MALTA, André. Entrevista com Jaa Torrano: tradução da acribia poética. **Cadernos de Literatura em Tradução**, São Paulo, n. 15, p. 185-190, 2015.

MAVERICCO, Matheus. Proêmio da **Ilíada. Escamandro: poesia tradução crítica**, 2020. Disponível em: <tinyurl.com/19ny4w2w>. Acesso: 07 fev. 2021.

MONRO, D. B.; ALLEN, T. W. (ed.). *Homer, Iliad*. In: **Homeri Opera in five volumes**. Oxford: Oxford University Press, 1920. Disponível em Perseus Digital Library: <https://tinyurl.com/2etxap>. Acesso: 07 fev. 2021.

NAGY, Gregory. **Greek mythology and poetics**. Ithaca: Cornell University Press, 1990.

OLIVA NETO, J. A. **Dos gêneros da poesia antiga e sua tradução em português**. 270 f. Tese (Livre docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

ROCHA, T. K. **Ensaio e experiências de tradução da Ilíada no oitocentismo português**. Relatório final FAPESP. São Paulo: FFLCH/USP, 2013.

SANTOS, M. G.; BRANDÃO, J. J. L. Resenha: HESÍODO. Teogonia, 1979. HESÍODO. Teogonia: a origem dos deuses, 1981. **Ensaio de Literatura e Filologia**, Belo Horizonte, v. 5, p. 177-180, 1985/1987.

SOUSA, O. T. **História dos fundadores do Império do Brasil - Volume I: José Bonifácio**. Brasília: Senado Federal, 2015.

SOUZA, J. C. **Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Nova cultural, 1996.

TORRANO, J. A. A. **Memorial para o concurso de professor titular**. São Paulo: FFLCH/USP, 2006.

VIEIRA, B. V. G. Filinto Elísio, tradutor de Lucano: estudo introdutório, edição crítica e notas de uma versão da Farsália (l 1-227). **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, v. 1, p. 76-95, 2008.

VIEIRA, B. V. G. Recepção de Odorico Mendes: (a)casos de crítica de tradução no séc. XIX. **PhaoS - Revista de Estudos Clássicos**, Campinas, n. 10, p. 139-154, 2010.

VIEIRA, B. V. G. Um tradutor de latim sob D. Pedro II: perspectivas para a história da tradução da literatura greco-romana em português. **Revista Letras**, Curitiba, n. 80, p. 71-87, 2010a.

WERNER, Christian. O mundo dos heróis na poesia hexamétrica grega arcaica. **Romanitas - revista de estudos grecolatinos**, Vitória, n. 2, p. 20-41, 2013.

WEST, M. L. **Hesiod, Theogony: edited with prolegomena and commentary**. Oxford: Oxford University Press, 1966.

TRADUÇÕES SELECIONADAS:

BUGALHO, Henry. **Hesíodo: Teogonia**. Curitiba: Kotter Editorial, 2020.

CAMPOS, Haroldo de. **Ilíada de Homero**. São Paulo: Arx, 2003. v. 1.

CERQUEIRA, A. L. S.; LYRA, M. T. A. **Hesíodo: Teogonia**. Niterói: Editora da UFF, 2009.

ELYSIO, Américo [José Bonifácio de Andrada e Silva]. Tradução de dous pedaços da **Theogonia** de Hesíodo. In: **Poesias Avulsas de Américo Elysio**. Bordéus: [s. n.], 1825.

LAFER, M. C. N. **Hesíodo: Os Trabalhos e os Dias (primeira parte)**. São Paulo: Iluminuras, 1996.

LOURENÇO, Frederico. **Homero: Ilíada**. São Paulo: Penguin/ Companhia das Letras, 2013.

MALTA, André. **Homero portátil: os principais cantos da Ilíada e da Odisseia traduzidos em dupla redondilha**. São Paulo: Edição do Autor, 2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ysdbct89>>. Acesso em: 09 set. 2021.

MANTOVANELI, L. O. **Hesíodo: Os Trabalhos e os Dias**. São Paulo: Odysseus, 2011.

MENDES, M. O. **Iliada de Homero em verso portuguez por Manoel Odorico Mendes, da cidade de S. Luiz do Maranhão**. Rio de Janeiro: Typographia Guttemberg, 1874. Disponível em: <tinyurl.com/pr07uuuj>. Acesso: 07 fev. 2021.

MOST, G. W. **Hesiod: Theogony; Works and Days; Testimonia**. Cambridge: Harvard Univesrity Press, 2006.

MOURA, A. R. **Hesíodo: Os Trabalhos e os Dias**. Curitiba: Segesta, 2012.

NUNES, C. A. **Homero: Ilíada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ONELLEY, G. B.; PEÇANHA, Shirley. **Hesíodo: Trabalhos e Dias**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.

PEREIRA, J. F. As Obras e os Dias. In: MOURA, A. R. **As Obras e os Dias**, de Hesíodo, por João Félix Pereira. **Nuntius Antiquus**, v. X, n. 2, 2014, p. 5-32.

PINHEIRO, A. E.; FERREIRA, J. R. **Hesíodo: Teogonia; Trabalhos e Dias**. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014.

REGINO, S. M. **Hesíodo: Teogonia; Trabalhos e Dias**. São Paulo: Martin Claret, 2010.

STALLINGS, A. E. **Hesiod, Works and Days**. London: Penguin Books, 2018.

TORRANO, Jaa. **Hesíodo: Teogonia, a origem dos deuses**. São Paulo: Iluminuras, 2017.

TORRANO, JAA. O certame Homero-Hesíodo. **Letras Clássicas**, São Paulo, n. 9, 2005, p. 215-224.

VIEIRA, Trajano. **Homero: Ilíada**. São Paulo: Editora 34, 2020

WERNER, Christian. **Hesíodo: Teogonia**. São Paulo: Hedra, 2013.

WERNER, Christian. **Hesíodo: Trabalhos e Dias**. São Paulo: Hedra, 2013.

WERNER, Christian. **Homero: Ilíada**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

WILSON, Emily. **Homer: Odyssey**. New York: W. W. Norton & Company, 2017.

DICIONÁRIOS:

Perseus – Greek Word Study Tool. Disponível em: <tinyurl.com/1ii1r32c>. Acesso: 07 fev. 2021.

VÍDEOS:

Túnel do Tempo - Jô Soares e Zeca Pagodinho - “É igual mas é diferente”. 2018. (19m59s). Disponível em <https://tinyurl.com/y27jovdo>. Acesso: 07 fev. 2021.

Recebido em: 12-04-2021.

Aceito em: 20-09-2021.